

O futuro da nação no ventre feminino: projetos políticos e literários sob a pena de Bernardo Guimarães

Daniela Magalhães Silveira¹

RESUMO

Parte importante dos contos e romances de Bernardo Guimarães foi publicada na década de 1870. Parece explícita sua dedicação, num momento especial da política brasileira voltada para as discussões em torno do final da escravidão, em elaborar personagens femininas capazes de projetar um futuro para o país. Para tanto, dedicou-se na construção de mulheres de origem social pobre, descendentes de africanos ou indígenas, mas que acabavam se adaptando ao estilo europeu e burguês ou que seriam criticadas justamente por resistir a esse modelo. A proposta deste artigo consiste em examinar algumas dessas personagens femininas, com atenção especial voltada para a elaboração de seus diálogos e perfis. Nesse percurso, pretendo destacar o modo como esse literato usou o seu ofício para intervir na construção de um Brasil sem escravos e formado por cidadãos “quase” brancos.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo Guimarães. História e literatura. Gênero. Raça

ABSTRACT

An important part of the short stories and novels written by Bernardo Guimarães was published in the 1870s. It seems explicit his commitment to elaborate female characters able to plan a future for the country in a special moment when Brazilian policy was focused on discussions about the end of slavery. In order to do it, he dedicated himself to construct female characters of poor social origin, descendants of Africans or indigenous people, who eventually adapted to the European and bourgeois style or who would be criticized rightly for resisting this model. The purpose of this study was to examine some of these female characters focusing on the elaboration of their dialogues and profiles. Thus, we intend to highlight the way how the author used his occupation to intervene in the construction of a new face of Brazil, with no slaves and "almost" white citizens.

KEYWORDS: Bernardo Guimarães. History and literature. Gender. Race

¹ Daniela Magalhães Silveira. Professora Adjunta do Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia. danielasilveira@hotmail.com

A década de aprovação da lei de 28 de setembro de 1871 foi marcada por uma forte atuação de diferentes homens de letras interessados em refletir sobre o futuro da nação e a composição dos cidadãos brasileiros. Sidney Chalhoub analisou o conto “Mariana”, de Machado de Assis, e mostrou como o literato construiu uma personagem que indicava a impossibilidade de resolver os problemas gerados pela escravidão “*por dentro* das relações instituídas entre senhores e escravos” (CHALHOUB, 2003, p. 137). Isso acontecia justamente quando a temática da emancipação mais agitava os debates no parlamento, considerando que o conto foi publicado no *Jornal das Famílias* em janeiro de 1871. Usando outras possibilidades narrativas e chegando a conclusões diferentes daquelas obtidas por Machado de Assis, Bernardo Guimarães também se aproveitou das discussões em torno da emancipação para construir parte significativa da sua obra. Somente na década de 1870, vieram a público: *Lendas e romances* (1871); *O garimpeiro* (1872); *Histórias e tradições da Província de Minas Gerais* (1872); *O seminarista* (1872); *O índio Afonso* (1873); *A escrava Isaura* (1875); *Maurício* (1877); *A ilha maldita* (1879) e *O pão de ouro* (1879).

Nesse período tão produtivo Bernardo Guimarães abordou diversas questões, sempre em diálogo com o seu tempo, de modo que chama atenção a forma como elaborou algumas de suas personagens femininas que não apenas protagonizaram as histórias como emprestaram seus nomes para os títulos das narrativas. Talvez essa fosse uma estratégia para alcançar um público especial: o feminino. As últimas décadas do século XIX assistiram a um aumento significativo no número de publicações impressas dirigidas ao público leitor feminino brasileiro. Despontava uma imprensa disposta a brigar pelos direitos das mulheres (DUARTE, 2003, p. 156) e também publicações com características empresariais (SILVEIRA, 2010). O certo é que o literato mineiro encontrou uma arena favorável para lançar seus ideais.

Talvez alinhado com aqueles homens que projetaram uma nação e que viveram os dilemas daquela década de 1870, Bernardo Guimarães, assim como os literatos estudados por Leonardo Pereira, voltou-se para sujeitos até então pouco explorados e por meio de uma vertente bastante inovadora dentro da literatura brasileira (PEREIRA, 2009, p. 301). Com isso ajudava a forjar um ideal de mulher, preparada para gerar filhos saudáveis e que cumpririam o papel de cidadãos num futuro próximo. Pela leitura minuciosa de duas histórias assinadas por Bernardo Guimarães é possível observar alguns detalhes da sua proposta política e social e também os embates para a construção de um país sem escravos. Não se trata de um literato que observou tudo de fora e que usou suas páginas para transcrever uma possível realidade vivida, mas de alguém intensamente envolvido naquelas questões, com um discurso marcado por intenções e, por isso mesmo, sujeito às indeterminações de seu tempo.

Florinda, a “mulatinha feiticeira”

Flávio Gomes já chamou atenção a respeito da forma usada por Bernardo Guimarães de humanizar “os quilombolas, fazendo com que suas ações tivessem, de fato, significados próprios para a vida deles” (GOMES, 2006, p. 8). A estratégia do literato servia para mostrar as disputas e desavenças dentro de um quilombo, para além da história açucarada da mocinha raptada e do mocinho herói irreparável. Florinda e Anselmo são responsáveis por boa parte da trama apresentada em “Uma história de quilombolas”, conto que integra o livro *Lendas e romances*, publicado pela Garnier em 1871.² Além do casal, ainda aparecem com bastante destaque os antagonistas Mateus e Zambi Cassange. O objetivo deste item é apresentar um modo de ler a narrativa de Bernardo Guimarães enfatizando como a

² *Lendas e romances* é composto por três histórias, na seguinte sequência: “Uma história de quilombolas”, “A garganta do inferno – lenda” e “A dança dos ossos”. Neste artigo, usarei a seguinte edição: GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e romances*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

personagem motivadora de toda a trama deixa de ser a mulata conquistadora e feiticeira para assumir o papel de uma sinhazinha frágil e indefesa. Talvez essa sua última performance fosse o ideal de mulher valorizado pelo literato, por isso, Florinda foi recompensada com o final feliz.

É interessante notar, entretanto, como a narrativa não tem seu início organizado a partir do romance entre os mocinhos, ao contrário, logo no capítulo I apareceu destacado o diálogo entre Mateus e pai Simão. A conversa foi marcada pela utilização de palavras com forte teor racial. Ocorreu em um quilombo localizado, entre vários outros, na província de Minas Gerais, “perto da carrancuda e negra serrania da Itatiaia, distante como quatro léguas do Ouro Preto, em um vasto grotão sombrio e profundo, coberto de espessíssima floresta”. Mateus perguntava ao seu companheiro se conhecia “aquela mulatinha bonita lá de casa”. Diante de tal questionamento, pai Simão lamentava que a “mulatinha feiticeira” estivesse na “mão de branco”. Florinda participava da cena de maneira indireta, de modo que as suas características físicas são construídas a partir do olhar de personagens masculinos. A associação entre “mulatinha” e “feiticeira” confere forte teor sexual, conforme acontecia na maior parte das descrições de personagens femininas descendentes de africanos (XAVIER, 2012, p. 67). Por sua vez, recorrer ao termo “feiticeira” como forma de caracterização, ainda aproximava a personagem de práticas africanas condenadas por homens brancos como Bernardo Guimarães. Conforme salienta Gabriela Sampaio, aquelas eram práticas religiosas que ganharam sentidos e significados em cada contexto específico (SAMPAIO, 2009, p. 190), e naquele quilombo, sob a visão de um homem de letras, servia tanto para acentuar o domínio sobrenatural dos quilombolas, como para evidenciar o poder sexual da jovem escrava.

Na conversa, Mateus também revelava que sempre havia gostado de Florinda. Contava que tinha dado muitos presentes para a menina e que o seu senhor prometera que ela não se casaria “com mais ninguém” senão com ele. A provável harmonia do casal fora quebrada com o aparecimento de

outro personagem, também caracterizado de forma racializada: “um maldito capixaba, um diabo de um mulato pachola, todo engomado e asseadinho”, chamado Anselmo. A reafirmação da cor servia para justificar tanto as qualidades positivas como as negativas, de modo que existem, no mínimo, duas formas de compreensão para essa abordagem construída por Bernardo Guimarães. Numa primeira interpretação, enfatizar a cor fazia parte do modo como os descendentes de africanos se diferenciavam. Segundo a percepção do personagem, quanto mais branco era o seu rival, mais próximo também estaria da classe senhorial. Dado que o desqualificaria. Por outro lado, a fala do personagem Mateus e o seu modo de distinguir o rival Anselmo também revela o quanto o literato projetava em seu personagem o seu modo de ver as pessoas suas contemporâneas.

Segundo acreditava Mateus, Florinda era sua namorada. A menina aceitou presentes dele e permitira que o seu casamento fosse articulado com o senhor. Talvez nem Florinda, nem Mateus contassem com a chegada de Anselmo e com a possibilidade dela se envolver com outro homem e abandonar o seu primeiro namorado. Foi justamente isso o que aconteceu e, como Mateus já se considerava comprometido com a escrava, não aceitou perdê-la para outro, partindo para a agressão física. Com essa atitude, talvez esperasse obter apoio de outros homens. Enganava-se. Acabou levando uma “surra de bacalhau” e sendo ameaçado de ser vendido para longe, caso continuasse insistindo em perseguir Anselmo e Florinda. Essa interferência senhorial na vida íntima de seus escravos, especialmente quando se tratavam daqueles que trabalhavam dentro das casas, parecia bastante comum. Na história de Caetana, pesquisada por Sandra Graham, por exemplo, encontramos um senhor que, num primeiro momento, articula o casamento da sua mucama e, em seguida, usa de toda sua influência para tentar anular aquela união. Parecia importante tentar conter a sexualidade daquelas que estavam em contato direto com as filhas do senhor (GRAHAM, 2005, p. 77). Sendo assim, para se casar com Florinda, seus dois pretendentes recorreram à benção senhorial. O encaminhamento da história

daquela personagem dependia de forma imediata de seu senhor, ao menos era isso o que parecia acreditar Mateus e Anselmo. A menina, por sua vez, aceitou presentes de um e promessas de ter a sua liberdade comprada pelo outro, sem se preocupar com as consequências de seus atos.³ Acabou sendo sequestrada e levada para o quilombo de Zambi Cassange.

O momento seguinte, na história contada por Bernardo Guimarães, retoma o quilombo como lugar de desenvolvimento da trama. Para revidar a suposta humilhação sofrida, o escravo fugiu, conforme já vimos, e acabou acreditando que poderia sequestrar a menina e, por meio de feitiçaria, reconquistar o amor perdido. Mateus só não contava que seus rastros guiariam Anselmo até o quilombo e, principalmente, que Zambi Cassange poderia também se encantar por Florinda. Nesse ponto, o literato aproveitava-se para explicar a organização do quilombo naquilo que dizia respeito às mulheres:

Posto que vivessem do latrocínio e assassinato, os quilombolas tinham certa organização interna, certa disciplina regular e severa, a que deviam sujeitar-se debaixo de rigorosas penas. Assim, a respeito de mulheres havia leis mui terminantes, próprias para reprimir excessos e devassidões, que em todas as sociedades são sempre um princípio de desorganização. Quando qualquer rapariga caía entre as mãos dos quilombolas, devia pertencer ao apreensor, contanto que isso fosse do agrado dela. Se assim não acontecia, poderia escolher o companheiro que quisesse; e se não aceitava nenhum, ficava à disposição do Zambi, que podia reservá-la para si, ou dar-lhe liberdade, conforme lhe aprouvesse. A infidelidade das mulheres era detestada e severamente punida; e também, por outro lado, quem contra elas cometesse qualquer desacato e qualquer atentado violento, incorria em rigorosos castigos (GUIMARÃES, 2006, p. 38).

³ Mais de uma década depois, em 10 de fevereiro de 1884, Machado de Assis publicou, na *Gazeta de Notícias*, o conto “Noite de almirante”, que depois foi recolhido e passou a compor as *Histórias sem data*. Assim como Bernardo Guimarães, Machado de Assis também deu vida e graça a uma personagem que recebia presentes e namorava um homem, mas que, em sua ausência, acabou preferindo outro rapaz. Nesse caso, no entanto, Deolindo conforma-se com a sua situação e deixa Genoveva prosseguir a sua vida em paz. É interessante fazer um exercício comparativo entre as duas histórias e perceber como os personagens masculinos, tanto num como no outro conto, acreditam que poderiam se considerar namorados/noivos, porque as personagens femininas se deixaram cortejar.

Talvez sem ter a intenção prévia, Bernardo Guimarães acabou deixando registrado que a sorte de Florinda não parecia ter mudado tanto assim, se comparada à situação anteriormente vivida na casa senhorial. Tinha apenas mudado de senhor. O novo problema encontrado era que agora seu novo senhor – Zambi Cassange – pretendia tomá-la para si. Para isso, no entanto, Zambi teria que se livrar da companheira dele, assim como dos dois namorados de Florinda. Mais uma vez, encontramos Florinda no centro de desavenças, embora Bernardo Guimarães não tenha se arriscado a dar voz à personagem. São sempre os homens que aparecem disputando-a, enquanto a mesma encontrava-se em algum canto chorando ou desmaiada. Essa posição passiva não foi dada à mãe Maria, quem até aquele momento vivia com Zambi Cassange. Quando essa outra personagem feminina viu que poderia perder o seu posto de rainha dentro do quilombo, tentou manipular ambos os lados, provocando uma insurreição. Acabou sendo morta, num ritual que deveria lembrar o costume senhorial de castigar exemplarmente escravos traidores. Desse modo, Bernardo Guimarães construía personagens e situações espelhadas nas relações senhoriais, mesmo quando tentava falar das reações e sentimentos de escravos. Talvez porque aquela fosse a única forma de ver o mundo conhecida por ele mesmo.

Na última parte do conto, vemos finalmente a realização do matrimônio de Florinda e Anselmo. O sacramento havia sido abençoado não apenas pelo dono da escrava, como também pelo governador das Minas Gerais, dom Manuel. Uma teia de poder masculino parecia envolver a decisão matrimonial de uma escrava. Em “Uma história de quilombolas”, por mais que Florinda tenha aparecido, a princípio, deixando-se cortejar e aproveitando-se das vantagens de alimentar o interesse de dois homens diferentes, logo a personagem foi inserida numa situação de total apagamento. Bernardo Guimarães parecia bastante interessado, desse modo, em pensar sobre os destinos da escravidão no Brasil. Suas escravas “quase” brancas indicam que a continuidade daquele sistema poderia branquear ainda mais a escravidão no país. Afinal de contas, com a

realização do casamento de Florinda e Anselmo, dois mulatos, o casal poderia gerar filhos ainda mais brancos. Talvez por isso a insistência em alforriar a menina. Desse modo, as mulheres pareciam ser as responsáveis pela continuidade da escravidão, até a assinatura da lei de 28 de setembro de 1871. O literato construiu uma personagem com desenvoltura para escolher o melhor casamento e que, quando se encontrou em apuros, comportou-se como uma sinhazinha branca. Florinda estava assim entre a escravidão e a liberdade.

Conforme viemos acompanhando, todos os elogios dirigidos à Florinda referiam-se à sua sexualidade. Bernardo Guimarães tentou construir uma personagem escrava que era ao mesmo tempo uma mulata voluptuosa e com um rosto que possuía “uma pureza e serenidade angélica”. O literato então se esmera na construção dos perfis dos personagens de “Uma história de quilombolas”. Florinda foi descrita como:

uma linda criatura, e sua bela figura ainda mais sobressaía à luz de um fraco fogo, no meio dos hediondos objetos que a circundavam. Seus cabelos, que estavam soltos, eram compridos, e desciam-lhe em ondas miúdas pelo colo, que naquele lugar onde só se viam através de quase completa escuridão vultos negros como a noite, quase parecia alvo. Seus olhos grandes, pretos como jabuticabas e brilhando no meio das pálpebras arroxeadas pelo pranto à sombra de espessas sobrancelhas, pareciam dois pombos negros, espreitando cheios de pavor à porta do ninho o voo do gavião. As feições, a não serem os lábios carnosos e as narinas móveis, que se contraíam e dilatavam ao arquejo violento de seu coração, eram quase de pureza caucasiana. No corpo tinha esse donaire voluptuoso, essas curvas moles e graciosas, que são próprias das mulatas. Era flexível como o ramo de limoeiro, que ao menor sopro verga até beijar o chão, e ao mesmo tempo reergue-se donoso balanceando no ar o tope recamado de flores (GUIMARÃES, 2006, pp. 25-26).

Quando nos deparamos com a caracterização de Florinda, observamos, mais uma vez, como Bernardo Guimarães tentava trabalhar com uma personagem escrava “quase” branca. Ao mesmo tempo em que seguia a tradição literária de construir mulatas sensuais, não abria mão de mostrar como a cor mais clara da menina garantiria qualidades intrínsecas

à classe senhorial. Desse modo, conforme afirma Mariza Corrêa, as gradações naturais da cor garantiriam também o comportamento social de cada um daqueles personagens (CORRÊA, 1996, p. 42). Sendo que, quando se tratava de uma mulata, parecia impossível não fazer qualquer referência à sexualidade. Os adjetivos que qualificavam Florinda colocaram lado a lado a cor de sua pele com o poder de sedução que possuía. O mesmo não ocorre com os personagens do sexo masculino que apareceram na trama, nem mesmo com mãe Maria, a companheira de Zambi Cassange. Em primeiro lugar, precisamos ressaltar como brancos e pretos apareciam em oposição, indicando a tensão e o ódio cultivado pelos quilombolas. Segundo Mateus, o coração dele estava “preto de raiva”, de modo que esse sentimento o motivava a querer “beber sangue de quanto branco há neste mundo”. Entre brancos e negros, encontravam-se Florinda e Anselmo. A primeira era a mulata sensual, enquanto o outro:

Era um moço bem-disposto, de fisionomia agradável, de olhos negros e expressivos; trajava com asseio e esmero, e os arreios de sua cavalgadura cintilavam ao sol, cobertos de prataria. Posto que de tez clara, todavia pela aspereza de seus cabelos negros e crespos, se conhecia claramente que tinha nas veias sangue africano. Em seu semblante risonho e expressivo transluzia a felicidade em toda sua plenitude (GUIMARÃES, 2006, p. 15).

Quando comparamos as descrições feitas de Florinda com aquela que apareceu de Anselmo, vemos com mais clareza como o problema não era apenas racial, mas também de gênero. Enquanto Florinda era a mulata que despertava o desejo sexual de todos os homens, sejam eles brancos ou negros, Anselmo tinha a sua descendência denunciada apenas por causa de seu cabelo. Bernardo Guimarães acaba assim reafirmando que, ao menos para os homens, a miscigenação seria capaz de transformar a população que formava o Brasil. Anselmo é habilidoso, consegue ajuda tanto do governador das Minas Gerais para desbaratar o quilombo e resgatar sua namoradina, como também negociar com Zambi Cassange. Era um guerreiro de coração

puro. Enquanto a cor parecia ter regenerado os hábitos selvagens que poderiam compor o personagem, ter a pele preta aproximava Zambi Cassange de uma figura quase demoníaca:

Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se refletia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beijos vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz acentuado e curvo e a vasta testa inclinada para trás revelavam um espírito dotado de muito tino e perspicácia, e de extraordinária energia e resolução (GUIMARÃES, 2006, pp. 12-13).

Quando se trata do perfil dos quilombolas negros, fica bastante evidente o esforço de inserir características de animais. Talvez o literato tivesse a intenção de seguir alguns estudos de sua época e se alinhar com aqueles que acreditavam que os descendentes de africanos ocupavam um lugar abaixo na linha evolutiva (SCHWARCZ, 1993). Zambi possuía força física e inteligência, no entanto parecia não saber utilizar essas características, pois seu lado selvagem acabava se sobrepondo ao humano. O mesmo ocorria com mãe Maria:

Uma preta curta e gorda, com a figura de um odre, já não muito nova, de olhos graúdos e esbugalhados, e por entre cujos beijos trombudos e revirados, sempre entreabertos, alvejavam dentes agudos e salientes como os do cão. Esta hedionda figura era a companheira fiel, a sultana favorita do ilustre e poderoso chefe Joaquim Cassange cujo gosto neste particular parece que não era dos mais apurados (GUIMARÃES, 2006, pp. 29-30).

Se Zambi Cassange ainda recebeu alguns elogios, o mesmo não ocorreu com sua “companheira fiel”. Observamos, desse modo, como questões relativas à cor de cada um desses personagens ajudaram ao literato na composição de seus comportamentos sociais. Aqueles que possuíam apenas sangue africano ficaram num degrau abaixo, sendo comparados aos animais mais ferozes. Com isso, Bernardo Guimarães construía muito bem dois polos bastante distintos, com os brancos ocupando um lado e os negros o outro. No meio, estavam os mulatos Florinda e Anselmo. Como

representantes da possibilidade de branqueamento da nação, o casal ganhou proteção. O único problema que ainda persistia era esse branqueamento não significar a liberdade imediata. A solução encontrada pelo literato fora alforriar Florinda e deixar indicado o perigo da continuidade daquele sistema. Esse incômodo não pertencia apenas a Bernardo Guimarães. Wlamyra Albuquerque conta-nos, por exemplo, parte da história de Alexandrina, uma mulher “quase branca”, assim como a personagem Florinda, e que da mesma forma causava estranhamento e mobilizava outros homens com o objetivo de comprar a sua alforria (ALBUQUERQUE, 2009, p. 33). Florinda e Alexandrina foram apadrinhadas por quem acreditava que a escravidão não havia sido feita para brancos, por isso deveriam ser restituídas aos seus lugares. Pessoas “quase brancas”, quando escravizadas, despertavam os mais altos “sentimentos de humanidade” seja na vida ficcionalizada, seja na dura vida real.

Outro ponto que chama bastante atenção, quando pensamos nessa caracterização racializada dos personagens, refere-se ao orgulho de ter ao menos uma parcela de sangue africano. Isso ocorria inclusive com os mulatos. Não havia a tentativa de querer se parecer com os brancos do ponto de vista físico, isso ocorria apenas com relação aos hábitos e costumes. Nesse sentido, Sidney Chalhoub demonstrou como a condição de um negro liberto era precária, de modo que o mesmo poderia ser a qualquer momento reescravizado (CHALHOUB, 2012, p. 229). Sendo assim, talvez a melhor solução para quem fosse “quase” branco poderia ser a de tentar esconder qualquer resquício que pudesse associá-lo à escravidão.

Não foi essa a estratégia adotada durante todo o tempo nem por Anselmo nem por Florinda. Quando se encontrou diante de Zambi Cassange, Anselmo fez questão de frisar que “eu também tenho sangue da África nas veias, e minha mãe penou no cativoiro”. Esse recurso foi utilizado com a finalidade de causar alguma identidade ou sentimento de aproximação entre os dois personagens. Por sua vez, o quilombola referia-se a Anselmo como branco e reafirmava não confiar em pessoas daquela cor. Florinda também

não se aproveitou da sua cor para fugir e se misturar às mulheres brancas. Quando perguntada por Zambi se gostaria de se tornar a rainha do quilombo, Florinda respondeu apenas que não era senhora de si para decidir aquilo – “sou de meu senhor”. A escrava talvez tenha se aproveitado da sua situação para não ter que enfrentar o seu algoz. Naquele momento parecia ser mais fácil e proveitoso comportar-se como uma escrava obediente. Mateus, no entanto, exigiu que Anselmo tratasse Florinda como uma “sinhá-moça”. Os personagens mulatos de “Uma história de quilombolas”, quando se encontravam com os egressos da escravidão, faziam questão de frisar o quanto ainda pertenciam à mesma situação, embora algumas vezes deixassem escapar trejeitos adquiridos com a convivência senhorial.

Finalmente precisamos ressaltar como os costumes e religiões africanas também foram acionados por Bernardo Guimarães, quando o literato teve a intenção de mostrar o lado selvagem dos aquilombados. Pai Simão aconselha Mateus a usar de feitiçaria para fazer com que Florinda esquecesse Anselmo e aceitasse ficar com ele. Segundo pai Simão se aquilo dava certo até com “filha de branco”, porque não funcionaria com uma “mulatinha”. A tentativa de desvalorizar os costumes africanos e transformar os seus rituais em situações que deveriam causar o terror ainda àquela época pode ser percebida com mais clareza no ritual de aceitação de Mateus no quilombo. Assim contou o literato mineiro:

Seguiu-se a cerimônia, a que o cabra se sujeitou pacientemente, lançando todavia olhares desconfiados em redor de si. Pai Simão abriu-lhe com a ponta da faca uma leve incisão no peito esquerdo, tirou algumas gotas de sangue, que recolheu em um pequeno saquitel de couro envolto com outros objetos de feitiçaria africana, e depois de bem cozido, o dito saquitel ou caborje foi pendurado por um cordão ao pescoço do cabra. O juramento consistia em horríveis palavras cabalísticas em língua africana, e do qual a tradição não nos deixou a fórmula. Os dois ajudantes do Zambi assistiram de pé e com religiosa atenção àquela sinistra cerimônia, que introduzia mais um neófito no grêmio dos quilombolas do Zambi Cassange (GUIMARÃES, 2006, p. 14).

Enquanto a cor servia para aproximar quilombolas de animais selvagens, os ritos religiosos apareciam descritos de forma a aterrorizar, provavelmente, os próprios leitores da história contada. Bernardo Guimarães não economizava a utilização de palavras que pudessem acentuar o caráter terrível e perverso do ritual. Os africanos e seus descendentes foram colocados como praticantes de uma religião que facilmente poderia ser associada à maldade e ao demônio. Do outro lado, quando finalmente puderam se casar, Florinda e Anselmo tiveram a sua cerimônia realizada na “linda e magnífica capela de Nossa Senhora do Carmo” e contou com a presença do “governador da capitania” e de “um grande número de cavaleiros e fidalgos”. É importante lembrar que a igreja escolhida para a realização do casamento não foi aquela que possuía santos negros – Nossa Senhora do Rosário –, mas a frequentada pelas pessoas mais ricas da localidade. Chama-nos atenção como o literato usava e abusava dos adjetivos e, quando se tratava de desqualificar os rituais africanos foi bastante severo, mostrando todos os seus preconceitos, em contraposição ao catolicismo e sua “linda e magnífica” construção.

Quando Bernardo Guimarães fez a opção de contar uma história sobre as dificuldades de um casal de mulatos para a realização do casamento, provavelmente, possuía uma intenção bastante específica. Sua estratégia foi a de desvalorizar tudo aquilo que fosse originário da África e mostrar como apenas por meio da miscigenação seria possível regenerar os costumes daquele povo. Desse modo, encontramos os personagens Anselmo e Florinda como os representantes do futuro da nação brasileira. O literato escolhia também se opor à escravidão, mas fazia isso de maneira bastante peculiar. Recorria a um recurso que parecia assombrar bastante à população branca, ou seja, indicar que a escravidão poderia alcançar também os próprios brancos.

Fica evidente, assim, como aquela sociedade achava natural escravizar negros, mas quando se tratava de pessoas “quase brancas” alguma solução precisava ser alcançada. Talvez tenha sido esse o

sentimento que Bernardo Guimarães tentou despertar em seus leitores, enquanto contava as agruras enfrentadas por Florinda e Anselmo. É bem provável que essa fosse a sua estratégia de denúncia contra a escravidão. Era preciso acabar com o sistema, antes que o mesmo atingisse pessoas brancas, bem vestidas e com hábitos europeus. Ao lado disso, precisamos ainda nos recordar que, com esse embranquecimento, poderia se perder também o controle sobre a própria escravidão. Pois, eram apenas os negros que precisavam provar a todo instante a sua liberdade.

Jupira, a “linda caboclinha”

Na obra de Bernardo Guimarães, o hábito de construir personagens, recorrendo a características de animais não se restringiu aos descendentes de africanos. Quando se tratavam de indígenas, a mesma estratégia era utilizada. Como no século XIX a humanidade indígena foi colocada em dúvida, isso talvez gerasse maior incômodo. Ainda mais se considerarmos que a possível animalidade indígena só era questionada privadamente, por causa da defesa do orgulho nacional (CUNHA, 1992, p. 134). Desse modo, com a construção da personagem Jupira e com a caracterização de outros indígenas, em um dos contos presente no livro intitulado *História e tradições da província de Minas Gerais*, Bernardo Guimarães confrontava quem acreditava que a população brasileira havia sido formada a partir de brancos, indígenas e africanos. Na verdade, o literato considerava benéfica a inserção de descendentes de africanos na sociedade brasileira. Agora quando se tratavam dos descendentes de indígenas, a situação mudava completamente.

“Jupira” era a terceira narrativa do livro *História e tradições da província de Minas Gerais* e aparecia subdividida em 10 capítulos.⁴ Dessa

⁴ O livro é composto seguindo essa ordem: “A cabeça de Tiradentes”, “A filha do fazendeiro” e “Jupira”. Neste artigo, usarei a seguinte edição: GUIMARÃES, Bernardo. *História e tradições da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

vez, o literato explorava o encontro entre brancos e indígenas. Para tanto, elegia a filha da índia Jurema e do branco José Luís como personagem central. Uma moça que despertou a paixão de Baguari, cacique dos Guaianás, e também de Quirino, filho de um “abastado fazendeiro daqueles arredores”. Mas que não aceitou se unir a nenhum dos dois e acabou ferindo mortalmente ambos os homens. A grande paixão de Jupira era o branco Carlito que foi assassinado, por causa de um pedido dela própria.

Para além dos lances em torno das paixões despertadas por Jupira e de toda a violência desencadeada, podemos pensar na forma como a mesma foi caracterizada pelo literato mineiro. Num primeiro momento, ela aparece como uma menina, “uma linda caboclinha de treze a catorze anos, mas de tez um pouco mais clara do que a das suas companheiras da floresta” (GUIMARÃES, 1976, p. 140). Mais adiante, é “engraçada, e travessa como uma ariranha” (GUIMARÃES, 1976, p. 146). Para, finalmente, ganhar formas de mulher e ter seu corpo minuciosamente descrito:

“Era alta e muito bem-feita. Os cabelos negros, corredios e luzentes como asa do anu, eram tão bastos e compridos que a linda cabocla ainda pouco adestrada na arte de se tocar, via-se em apuros para acomodá-los sobre sua pequena cabeça e muitas vezes rebelando-se contra as fitas e prisões, as quebravam e tombando-lhe pelo colo se derramavam em liberdade pelos nédios e morenos ombros. Os olhos um pouco levantados nos cantos exteriores, eram bem rasgados, e dardejavam das pupilas negras lampejos, que denunciavam o ardor de seu temperamento e uma alma enérgica e resoluta. Os lábios rubros, carnosos, e úmidos eram como dois favos túrgidos de mel da mais inefável voluptuosidade, e quando se fendiam em um sorriso mostravam duas linhas de alvíssimos dentes um pouco aguçados como os dos carnívoros, e seu sorriso tinha singular e indefinível expressão de ingenuidade e de selvática fereza. A todos esses encantos, a todas essas linhas e voluptuosas formas, servia como de brilhante invólucro a tez de uma cor original, um róseo acaboclado, como que dourado pelos raios do sol, que dava peregrino relevo à sua linda figura” (GUIMARÃES, 1976, pp. 162-163).

É interessante observar a insistência do autor em construir personagens femininas “morenas” ou “quase brancas”. O branqueamento da população brasileira parecia inevitável aos seus olhos, por isso uma atenção

redobrada deveria ser dirigida às mulheres – tanto àquelas que já eram mães como às jovens moças no mercado matrimonial. Atentando-se às características físicas de suas personagens femininas, Bernardo Guimarães dava vida a corpos cheios de desejo e acabava aproximando indígenas e descendentes de africanos, quando os comparavam com animais. Mais uma vez, corroborava com a ideia de evolução das espécies e oferecia aos personagens brancos uma clara superioridade tanto física, como psicológica. Essa descrição, quando se tratava da personagem feminina, ganhava um tom que tendia a exaltar sua sexualidade. Por sua vez, quando eram os personagens masculinos, como o índio Baguari, servia para mostrar a sua violência e distanciamento de qualquer tentativa de civilização à moda europeia. Logo no início da narrativa, Baguari aparece lutando com um peixe, sendo caracterizado como o “indígena de formas truculentas e vigorosas” (GUIMARÃES, 1976, p. 140). Um pouco mais adiante, o olhar do índio é comparado ao de uma jiboia que pretendia devorar Jupira.

Essa estratégia de Bernardo Guimarães talvez indicasse sua percepção de que a miscigenação facilitaria o trabalho de quem pretendesse modificar os costumes de descendentes de indígenas. Deixa escapar, por sua vez, que o exercício de controlar os corpos femininos era de fundamental importância. O sucesso nesse empreendimento foi alcançado apenas quando se tratou da mulata Florinda. Com a cabocla Jupira, o caminho foi apresentado de forma mais tortuosa. Florinda parecia ser assim o modelo ideal de miscigenação, pois, segundo o literato mineiro, as indígenas irão resistir ao casamento como forma de controle social. Dessa forma, Jurema, a mãe de Jupira, rejeitou o casamento, segundo as tradições católicas. Embora tenha se casado com o pai da menina, depois de viver algum tempo como esposa de José Luís e até mesmo permitir que a sua filha fosse batizada com nome cristão – Maria –, Jurema fugiu com a criança ainda pequena. Teve outros filhos e depois retornou a casa do antigo companheiro, como se toda aquela situação não fosse estranha aos seus princípios. Talvez nessa situação estivesse uma das tentativas de Bernardo Guimarães demonstrar

como o futuro da nação estava, segundo sua concepção, no ventre das descendentes de africanos e como o caso das indígenas parecia bem mais complicado. Mesmo inserida nas tradições católicas, Jurema não conseguiu cumprir os papéis de esposa e mãe, determinados pelas novas regras médicas (FREIRE, 2009). Bernardo Guimarães deixava escapar que a principal responsável pelos descaminhos da menina Jupira era a mãe dela.

Num certo momento, Quando Baguari revelou a sua paixão por Jupira, Jurema ainda tentou cumprir com esse papel de oferecer proteção à filha, pois já percebia o quanto de violência existia naquelas palavras. A conversa entre os três mantém estratégia de aproximar os personagens de animais e mostra também a mãe tentando conter a violência masculina, mesmo que fosse apenas por um tempo:

“– Jupira, olha que o canguçu quando vê a veadinha tenra pelos bosques, nunca mais lhe perde o rasto, e não descansa enquanto não lhe lança as garras. E eu sou o canguçu e tenho fome de ti!

– Baguari! – exclamou a mãe assustada por sua filha, que cada vez mais se chegava a ela; – a menina ainda é muito nova... olha agora é que os peitos lhe vêm apontando. Para que apanhar a flor que ainda não abriu, colher os favos do jataí que ainda não tem mel?.. Deixa passar mais algumas luas; quando o ipê der flores outra vez, Jupira te abraçará.

– Não fale assim, minha mãe! – murmurou a menina ao ouvido de sua mãe. – Assim pudesse o ipê nunca mais dar flores!” (GUIMARÃES, 1976, pp. 141-142).

Se a mãe de Jupira cumpria, nesse diálogo, o papel de proteger a filha, Bernardo Guimarães deixava transparecer, em outro momento, que os sentimentos mais nobres não pertenciam à mulher indígena, mas ao pai da menina. José Luís é apresentado como “moço branco e bem-disposto”, trabalhava num seminário e havia catequizado Jurema. O sucesso desse empreendimento fora coroado com o nascimento de uma “linda e viçosa filhinha”. Segundo a constatação do literato, os missionários de São Vicente não eram tão hábeis naquela tarefa, como haviam sido os discípulos de Inácio de Loyola. Essa falta de sucesso não se devia apenas aos catequizadores, mas principalmente aos indígenas que não se sujeitavam ao

trabalho e estavam apenas interessados em obter “roupas, ferramentas, armas e enfeites”. Eram naturalmente indolentes e as mulheres não respeitavam o casamento. Esse modo de compreender a cultura indígena fez com que Jurema fosse sempre traçada como aquela que levava a filha para as situações de perigo, enquanto José Luís se transformava no pai abandonado que se esforçava para que a menina “adquirisse alguns costumes de civilização, andasse vestida, cosesse, lesse e escrevesse alguma coisa” (GUIMARÃES, 1976, p. 146). Em vários momentos, José Luís tentava cumprir um papel que deveria pertencer à Jurema, segundo acreditava o literato, por isso toda a sua indignação diante das atitudes das mulheres indígenas elaboradas por ele mesmo.

Jupira não havia sido objeto de desejo apenas em sua tribo. A “linda caboclinha” ganhou também um pretendente branco, filho de um “abastado fazendeiro daqueles arredores”. A descrição física elaborada para esse outro personagem tende a mostrar apenas a sua força, sem associação com características de animais, conforme vimos acontecer com o índio Baguari. Quirino “era um rapagão alto e bem disposto, de barba cerrada e negra, e pupila ardente e viva, em que transluzia todo o fogo de sua alma capaz de todos os extremos” (GUIMARÃES, 1976, p. 164). Com essa caracterização, Bernardo Guimarães confirmava a sua tese de que as ações de suas personagens poderiam ser compreendidas a partir de seus traços físicos. Quirino chegou ao extremo de matar Carlito, pensando que assim conquistaria Jupira.

Carlito foi o único homem por quem Jupira se apaixonou. Era um “adolescente lesto, bem disposto, e de encantadora presença”. E não escapou de ganhar uma caracterização que o aproximava dos animais selvagens: “corria e saltava como um gamo; trepava a uma árvore como um sagui, e nadava como a lontra”. (GUIMARÃES, 1976, p. 167) Isso foi o que mais encantou Jupira, segundo Bernardo Guimarães. Os dois personagens mantiveram um relacionamento mais ou menos estável até surgir uma nova paixão para Carlito, “uma formosa menina loura e branca como uma

açucena, filha de uma pobre mulher que vivia de lavar a roupa do seminário”. Rosália é definida também como “uma criança de treze para catorze anos, uma flor quase em botão”. (GUIMARÃES, 1976, p. 174) Quando sentiu que seria trocada pela menina branca, Jupira armou o assassinato de Carlito.

Ao contrário de Florinda, Jupira tenta controlar não apenas a sua própria vida, mas a de todos que se encontram ao seu redor. Diante de uma personagem feminina tão ativa, talvez esperássemos, como costumava ocorrer à época, um final bastante trágico para ela (SILVEIRA, 2005). O literato mineiro, no entanto, deixa a história aberta. Logo depois do assassinato de Carlito, afirma que:

“Quanto a Jupira, sumiu-se, e nunca mais se soube ao certo o que foi feito dela.

Passados tempos, uns caçadores encontraram em uma gruta no seio de uma mata profunda o esqueleto de uma mulher pendurado a uma árvore por um cipó. Presume-se com muita probabilidade que era Jupira que se havia enforcado” (GUIMARÃES, 1976, p. 194).

A falta de certeza permite aos leitores e leitoras a formulação de seus próprios epílogos. Histórias assim mexiam com a imaginação e eram consideradas perigosas. Como entender tamanha diferença, no entanto, com relação à caracterização das personagens femininas e aos desfechos de histórias escritas num prazo tão curto como as apresentadas neste artigo? Alguns pontos precisam ser considerados, depois da leitura dessas duas narrativas. Bernardo Guimarães encontrava-se bastante preocupado com o desenrolar das discussões em torno do processo que desencadeou na abolição da escravidão. Sua proposta parecia girar em torno da formação de uma população preparada para assumir o processo produtivo, com homens fortes e trabalhadores e mulheres belas e dedicadas ao lar.

A solução pelo literato apresentada estava em conceder alforrias às mulheres descendentes de africanos escravizados, especialmente aquelas classificadas por ele como “quase brancas”. Essa ideia ganhará

desdobramentos em sua obra por meio da criação, em 1875, de sua personagem feminina mais famosa: a escrava Isaura. O contrário disso seria conviver com a suposta vergonha de manter escravos brancos. Sua proposta aparecia para resolver a questão da substituição do trabalho escravo, conforme se discutia na Câmara dos Deputados (AZEVEDO, 2004). A questão do trabalho talvez fosse uma de suas grandes preocupações, quando tratava da formação do “povo” brasileiro. Por isso, em alguma medida, abria mão de refletir sobre a questão das terras indígenas, em “Jupira”, e se colocava a questionar sobre a falta de aptidão e interesse da tribo da mocinha no mundo do trabalho. Segundo seu julgamento:

Por vezes conseguiram reunir na fazenda alguns bandos; mas nunca alcançaram que se sujeitassem por muito tempo a um trabalho contínuo e regular.

Atraídos pelo desejo de obterem algumas roupas, ferramentas, armas e enfeites, acudiam de quando em quando ao seminário; mas no fim de um a dois meses quando muito aborreciam-se do trabalho, entregavam-se à sua natural indolência e, se apertavam com eles, desapareciam, e internavam-se de novo pelas matos do Rio Grande, continuando sua vida nômade e selvática” (GUIMARÃES, 1976, p. 144).

Se na região do Vale do Mucuri o interesse residia em obter as terras indígenas (DUARTE, 2002, p. 33), talvez Bernardo Guimarães, literato mineiro, nem tivesse tomado conhecimento daquilo e estivesse mais concentrado em observar e debater a respeito da pauta da substituição do trabalho escravo. Os indígenas e seus descendentes eram apontados como inapropriados a tal empreitada. Observar esse homem de letras inserido nas “polêmicas e conflitos de sua contemporaneidade”, assim como sugere Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998, p. 8), oferece-nos a oportunidade de vislumbrar suas escolhas não somente literárias como também políticas.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. *A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CORREIA, Mariza. “Sobre a invenção da mulata”. In: *Cadernos Pagu* (6-7), 1996.
- CUNHA, Manuela Carneiro. “Política indigenista no século XIX”. In: *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”. In: *Revista Estudos Avançados*, v. 17, nº49. São Paulo: USP, 2003.
- DUARTE, Regina Horta. “Conquista e civilização na Minas oitocentista”. In: OTONI, Teófilo. *Notícias sobre os selvagens do Mucuri*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRAHAM, Sandra. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PEREIRA, Leonardo. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil imperial – 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. III.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: um pai de santo na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

XAVIER, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX”. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto e GOMES, Flávio (orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.